

A DAMA DOS PERFUMES

TRIBERG

Cibeli com quarenta e seis anos

Acordar de madrugada sempre foi um hábito indesejado. Cibeli só se lembra de ter realmente dormido bem durante um curto período de tempo anterior a sua mudança para a Europa. Novamente sem sono, ela observa a paisagem à sua frente. O cenário de seus pesadelos. A noite é coberta, sem lua e sem estrelas. O jardim escuro que rodeia a mansão cobre o cenário até os muros laterais da casa de campo em Triberg, uma pequena cidade da Alemanha. Depois do muro começa a “Der Schwarz Wald”, ou Floresta Negra, com seus bosques densos e árvores grandes com galhos que parecem querer reter a luz do sol. A Floresta Negra é famosa por ser cenário dos contos dos irmãos Grimm. Contos como A bela adormecida, Rapunzel, Cinderela, Branca de Neve e seus personagens que vão desde os sete anões até a Malévola, a bruxa os medos de da infância de sua filha. Agora Cibeli sorri orgulhosa quando se lembra dela, (Leona é a minha cópia colorida.). Então ela se volta para o panorama dentro dos muros de sua residência. O inverno é branco como a

neve e frio como o “escuro do espaço sideral”, como diz seu ex-motorista brasileiro. Quando é outono, o jardim fica triste, soturno, com sua névoa fria, suas folhas secas espalhadas pelo vento e as árvores com suas copas nuas. Apesar disto, ou por isto, o outono é a sua estação preferida. (Nada mais alemão do que isto para uma brasileira.) Quando chega a primavera, o jardim fica enfeitado pelas flores. Já Leona adora o verão, nada mais brasileiro para uma alemã. Agora, na semana do natal o tempo está chuvoso. Cercada por muros vivos, a fonte com a escultura de um anjo de pedra quebrada abaixo de seu quarto tem uma leve iluminação, o suficiente para claridade não atrapalhar o frágil e leve sono dela. Como a fonte, toda a casa de campo da família Gatti foi planejada com carinho nos mínimos detalhes para abrigar um lar feliz. Mas nem tudo é perfeito. No meio da escuridão, o banco de pedra ao lado da fonte e do anjo de pedra com a asa quebrada está assustador como sempre, solitário, assim como ela se sente esta noite. A paisagem onde mora a criatura... (A paisagem de meus pesadelos). Cibeli suspira (Tem algo errado na minha vida conjugal), ela pensa olhando pelas vidraças para o grande jardim. Logo a neve vai substituir a garoa fina que parou de cair a alguns minutos... de repente ela fica alerta. Alguém chega. Tem alguém em frente a ela, tem um homem no jardim à frente do

primeiro andar de seu quarto. Aquela parte do jardim é proibida para os empregados, a não ser para Jeremy, o jardineiro inglês, mas ele nunca vai lá à noite. Por um momento ela congelou. Seria outro pesadelo? Ela não conhece aquele homem, mas não está com medo. Na verdade, sente-se bem. Ele anda valente pela paisagem sombria de seus pesadelos. Agora o homem se senta no banco solitário. (No que será que ele pensa?) Ele não pode vê-la dali. (Mas eu posso vê-lo daqui. Quem será?).

O interfone toca no primeiro andar de seu quarto. É Hans, o segurança da casa:

- Sinto muito, senhora Gatti. É o novo motorista. Ele chegou hoje. Eu simplesmente me esqueci de avisá-lo sobre sua privacidade nesta parte do jardim. Eu mesmo vou retirá-lo.

Cibeli sorri olhando fascinada para o homem à sua frente (É Argus...). Ela pensa alerta e curiosa.

- Então Hans, meu todo poderoso anjo da guarda não é infalível.

Cibeli observa o homem através da vidraça. Com ele naquele jardim ela sente que vai dormir tranquila. A criatura de seus pesadelos não vai mais incomodá-la esta noite.

- Hans, pode deixá-lo esta noite ali mesmo. Você sabe como a adaptação a esta nova vida é complicada. Amanhã você fala com ele.

Aliás, antes de falar com o novo motorista, eu quero conversar com você sobre esta área privativa no jardim.

- Tem certeza, senhora?

- Tenho sim. Fique tranquilo, meu anjo da guarda.

Ela volta a observar o homem à sua frente.

(Como a pobre menina rica aqui, ele não consegue dormir. Seja bem-vindo meu novo motorista, não vejo a hora de revê-lo, mesmo que seja só por poucos dias).

Ela se levanta. (Falta pouco para toda a minha família estar junta novamente no Nata), Cibeli pensa distraída e vai em direção à escada em forma de caracol que leva ao segundo andar do seu quarto. No grande quarto, antes de deitar se, ela olha ansiosa e triste para o quadro que esconde o cofre. Tem uma coisa lá terrível. Cibeli balança a cabeça negativamente. Depois pensa no homem lá embaixo e se acalma. (Como você, eu sempre pago as minhas dívidas, Argus. São quinze dias, depois você vai para seu final digno).

O DOM DE CIBELI

RIO DE JANEIRO - *Cibeli com dezenove Anos*

“Tudo azul, Adão e Eva no paraíso, tudo azul, sem pecado e sem juízo...”

Cibeli escuta desinteressada a música de Baby Consuelo tocar no carro de som pelas ruas do Bairro do Leme, enquanto cuida com carinho de seu cabelo. Mesmo com a janela fechada de seu quarto, o sol de verão carioca impõe um brilho lustroso através das cortinas de seu aposento. Depois da escova, agora ela está deitada em sua cama olhando para o teto, pensando em como fazer o perfume perfeito. Aquele óleo que ela conseguiu construir é feito com uma flor muito rara. Encontrar uma peônia em uma das lojas do jardim botânico é como encontrar uma pepita de ouro pelas ruas da cidade. (Meu perfume tem que ser suave como a fragrância daquele achado.) Com o erotismo a flor da pele ela se sente excitada quando sua imaginação começa a moldar o óleo e imaginar seus dedos molhados deslizando na pele de se homem...
- Cibeli! Sua tia já vai...

Cibeli apaga seus pensamentos. Levanta-se e vai em direção à ampla sala do apartamento de cobertura no Leme. As duas, tia e sobrinha, estão ao lado do pai dela:

- Você ficou trancada no quarto este tempo todo durante a visita de sua tia e quase perdeu a novidade...

Cibeli fica constrangida com o que o pai disse, ele continua:

- Eu não sabia. Sua prima passou no vestibular da UERJ. Na verdade, já está terminando o segundo período. Logo teremos uma química na família.

Sílvia, uma prima de Cibeli por parte de sua mãe que ela via raramente, sorriu para Cibeli, Cibeli a saudou:

- Parabéns, Sílvia.

- Obrigado, prima.

O pai de Cibeli tem um olhar admirado à sobrinha quando diz a filha:

- Sílvia acabou de ganhar um belo presente de seu pai pelo seu feito. Um automóvel, zero quilômetro...

Cibeli repara que os olhos da prima ainda brilham quando ela se lembra de seu carro:

- Quer dar uma volta comigo, Cibeli? O carro está lá embaixo.

Agora o pai de Cibeli parece impaciente:

- Vamos, Cibeli. Agradeça a sua tia e sua prima pela visita.

Aveline tem um olhar desaprovador para o pai de Cibeli. Ele se cala. Agora a tia tem uma expressão interessada e ao mesmo tempo preocupada com o óbvio isolamento e desajuste da sobrinha:

- Porque não vai dar uma volta com sua prima? Assim eu posso conversar mais um pouco com seu pai.

- Eu não posso, tia. Estou terminando um trabalho.

Aveline sorri com ternura para a sobrinha.

- É mesmo, Cibeli? Que bom. Então? Já sabe qual vai ser sua futura profissão?

Cibeli tem uma expressão muda em seu rosto. Agora a tia repara que os olhos da sobrinha estão inquietos.

- Não sabe ainda? Não se preocupe Cibeli.

Você tem muito tempo pela frente.

- Eu vou ser perfumista.

(Perfumista?) A tia não sabe se fica triste com a infantilidade da sobrinha de dezenove anos ou feliz com a determinação dela.

- Que profissão maravilhosa. O que é preciso para ser uma perfumista?

- É preciso ser formada em Química, como você vai se formar, prima. Nas acima de tudo, tem que ter um bom olfato. Na Europa, o curso de perfumista dura seis anos e o vestibular para o curso é simplesmente identificar as fragrâncias com perfeição, sem erros. Uma tarefa muito difícil.

Surpreendida, a tia se anima com o rumo da conversa. Finalmente encontrou algo que interessa à sobrinha.

- É verdade que os perfumes franceses são os melhores do mundo?

A tia e a prima assistem felizes os olhos de Cibeli brilhar.

- Sim, principalmente os da Cidade de Grasse...

O pai de Cibeli agora não se importa mais em mostrar todo o seu mau humor:

- Vamos, Cibeli. Diga adeus a sua tia e a sua prima.

- Só um minuto.

Ela vai até seu quarto e volta com um frasco na mão.

- É um perfume. Eu mesmo fiz. Fique com ele, Sílvia. Também é um presente pelo seu feito.

Mais uma súbita onda de ternura envolve a tia ao ver a sobrinha tão frágil e ingênua com seu presente infantil. Cibeli diz admirada a sua prima:

- Mais uma vez parabéns, Sílvia. Pela UERJ e pelo carro.

No elevador, com o pai de Cibeli, Aveline e Sílvia estão em um silêncio formal. No hall de entrada do prédio elegante do Leme elas se despedem educadamente do porteiro. Antes que Sebastian volte a seu apartamento, Aveline segura o pai de Cibeli pelo braço:

- Filha, me espere no carro. Ou melhor. Venha dirigindo me pegar aqui mesmo, na frente do prédio, Ok?

A filha se alegra:

- Ok!

Aveline olha preocupada para o Sebastian:

- O dia está luminoso. É verão. Meu Deus, Sebastian. Você não fica triste com sua filha trancada no quarto desse jeito. Agora era para ser a melhor época da vida de jovens como ela.

Sebastian suspira e olha fixamente nos olhos de Aveline.

- É um peso muito grande, Aveline. Mas o que ela tem é de fundo genético. Só podemos aceitar o que ela é.

Aveline está cada vez mais angustiada.

- Mas o que ela tem?

- T.A., transtorno associativo. É exatamente o que diz o nome. Ela é incapaz de relacionar fatos.

- Como assim?

- O óbvio para ela não existe. Ela tem que ser conduzida passo a passo em seu processo de aprendizagem. Por isto suas péssimas notas.

- Não entendo?

- Ela não liga os acontecimentos.

Aveline tem um tom francamente triste quando pergunta:

- Não tem tratamento?

- Como disse, só podemos aceitar os fatos como são. Desculpe Aveline, sua irmã, a mãe dela, nos deixou por causa disto.

Aveline arregala os olhos.

- Então é por isto...

(Pobre Cibeli), a tia pensa com o coração partido.

De volta ao apartamento, ele encontra sua filha no quarto. Sebastian entra no aposento sem cerimônia. Tem olhos indignados e diz em um agressivo tom irônico:

- Que bom. Eu sempre achei que sua prima era a joia mais rara da família. Agora tenho certeza. Ela vai encher seus pais de orgulho pela filha que eles têm.

Ele fica satisfeito com a expressão muda da filha.

- Aqui está o valor que você me pediu. Acho muito caro para um curso de dois meses, mas eu entendo. Aproveite bem. Você sabe muito bem que este curso é o mais perto que você vai chegar de uma Universidade.

Agora o pai prepara uma expressão mais suave quando continua:

- Desculpe, filha. Eu digo isto para o seu bem. Você sabe sobre a sua doença.

(Mercadoria com defeito) ela pensa. A moça não fala nada. O pai repara que, como sempre, Cibeli está monossílaba em suas roupas. Uma camiseta de manga comprida e uma bermuda ou calça jeans. Sebastian mostra uma expressão que mistura indignação e desprezo quando diz:

- Sabe, a sua doença não justifica a sua falta de cuidado com sua apresentação. Por que não cuida de si mesmo como cuida de seus cabelos?

Ele agora olha com repulsa para a filha:
Do jeito que você se veste, se encontrar sua prima por lá é melhor ignorá-la para evitar constrangimento.

A Rua Joaquim Caetano, na Urca, tem aquele fim de tarde morno e lento, que deveria estar acompanhado do canto das muitas cigarras se fosse primavera. Aveline assiste a noite chegar pela janela de sua sala ainda sob o impacto de sua conversa com a sobrinha. (Eu quase não a vejo, mas sempre que eu a encontro eu sinto a profunda tristeza de quem pensa que é designada a uma infalível derrota. Agora eu já sei porque. É tudo tão trágico para algumas pessoas. A mãe, minha irmã, sumiu sem nenhuma explicação, seria mesmo pela doença da filha? O pai, mergulhado em seu trabalho, quase não tem tempo para se dedicar à filha. E agora isto... esta doença... será que não tem cura? Bom, o pai dela pode pagar os melhores e mais conceituados médicos da cidade. Ela está em boas mãos. Pelo menos isto), ela pensa enquanto assiste a filha entrar pela sala. Sílvia passeia pela casa animada.

- Como é que eu estou?

A mãe fica feliz com o que vê. A bela filha reflete em sua aparência toda a alegria de uma juventude feliz, assim como deve ser.

- Deslumbrante, Sílvia querida.

- Gostou do vestido?

Ela repara no vestido negro. Decote ousado. O cabelo está preso em um rabo de cavalo.

- Você sabe que é linda. Todo vestido sempre vai ficar bem em você, mas este é especial.

Sílvia agora tem uma expressão preocupada:

- É sábado à noite. O pai só volta na quarta.

Eu não gosto que fique tão sozinha...

- Vá se divertir filha, na sua idade eu aproveitei tudo o que podia. Você vai pela noite no seu carro?

- Não. O Fábio vem me buscar.

- Aonde vão?

A filha tem um ar de mistério.

- A noite é uma criança, mãe.

Agora ela repara que a filha tem o frasco que ganhou de Cibeli na mão. Sílvia fica subitamente triste. A mãe já sabe. Ela está pensando na prima.

- Por que ela está sempre tão sozinha?

- Hoje eu fiquei sabendo a causa...

Sílvia espera curiosa a mãe continuar:

- Sua prima tem uma doença. Transtorno associativo.

A mãe se comove com a tristeza de Sílvia quando ela ouve aquilo.

- O que é isto?

- Ela tem dificuldades em relacionar fatos, isto joga o quociente intelectual e emocional dela para baixo, segundo seu tio é algo genético.

A filha fala com Aveline como se estivesse falando com ela mesma:

- Então é isto. Hoje eu senti algo como uma maldição naquele lar.

Ela entrega o perfume à mãe.

- Fique com ele, mãe. Fazer um perfume é bem complicado. É um mestrado da faculdade de química. Guarde-o bem. Eu achei o gesto da prima muito bonito, mesmo não sendo um perfume de verdade.

A noite está quente, molhada, salgada. Aveline está sozinha. Já passou das onze horas. Ela sorri quando se lembra do que sua filha disse:

“- É sábado à noite. O pai só volta na quarta. Eu não gosto que fique tão sozinha.”.

(Eu menti filha, eu me sinto sozinha sem seu pai aqui comigo). A mulher de quarenta e seis anos, especialmente nesta noite, sente realmente falta de seu marido. Ela veste apenas uma camisola de renda branca e se senta diante do espelho da cômoda onde ficam seus apetrechos e maquiagem. Aveline suspira. Desliza o batom vermelho escuro como vinho. Molha seus lábios. O frasco, o perfume de Cibeli está bem à sua frente.”O

perfume de brinquedo “, como diz a sua filha. Mais uma vez Aveline se entristece pela sobrinha. (Provavelmente ela está lá, agora, sozinha. Trancada em seu quarto). Ela olha para o frasco. Com ternura, ela retira a pequena tampa de vidro e prova a fragrância. Durante alguns segundos ela fica completamente absorvida pela essência. Quando ela volta a si, está perturbada, maravilhada. Não tem palavras até que consegue balbuciar algo para a sua imagem no espelho.

- Meu Deus. Eu fui pega de surpresa, o perfume é arrebatador!

Aveline agora está sob o impacto de se sentir mais mulher do que nunca. A tia se acaricia com a fragrância da sobrinha. O erotismo do perfume é vivo. Depois de mais alguns segundos, ela se lembra:

“- Eu vou ser perfumista, tia. ”

Agora Aveline se lembra de sua irmã francesa. (Minha irmã, a mãe francesa de Cibeli se foi. Se pudesse sentir o perfume de sua filha você ficaria orgulhosa de Cibeli, Isabeli.) Ela pensa e fala olhando para a sua imagem no espelho:

- Bem feito, filha! Nunca se deve julgar um livro pela capa. Agora eu ganhei o melhor perfume que já experimentei.

É sábado à noite. Trancada em seu quarto
Cibeli se prepara para o sexo solitário em
meio a seus perfumes. Desde criança ela sabe.
Ela não pertence a este mundo.

A fã de Cibeli

Triberg

Cibeli com quarenta e seis anos

Em Paris, uma fã de Cibeli observa as chaminés tão comuns na paisagem pela janela de seu quarto. Ela está bem. Apesar da notícia que seu médico deu a ela constrangido. A senhora, com seus mais de setenta anos, está em bonança. Ela pensa em como revelar sua morte tão próxima a seu marido. Pensa em seus filhos. Pensa em sua neta. Sob o impacto de sua descoberta, sob a constatação do óbvio de que tudo tem um fim um dia, Isabeli decide, ela não vai partir sem revelar a paixão pelos perfumes de Cibeli. Determinada, a senhora pega folhas de papel e a sua caneta Montblanc e começa a escrever a carta que vai mandar, após dar a notícia fatal a seus familiares:

Paris, Vinte de Dezembro de 2020.

Minha querida Cibeli:

Você não me conhece. Mas eu me lembro de quando você venceu aquele concurso para a escola de perfumes de Grasse. Você foi como Pelé dando a

Copa do Mundo ao Brasil na Suécia no mundo dos perfumes. Quando comprei o perfume, eu me rendi à fragrância. Eu me lembro de quando ouvi pela primeira vez o nome "Perfumaria Gatti". Desde aquele dia, eu sou sua fã número um e eu acompanho emocionada suas notícias. Não abro mão de procurar na internet, nos jornais, nas revistas seu nome. Preciso saber sempre mais e mais sobre você. Sua loja em Paris me tem como a cliente mais fiel. Qualquer novo perfume, qualquer novo lançamento eu corro para ela e me coloco em frente à loja antes mesmo dela abrir. De todos os seus perfumes o que mais amo é aquele, o "Gatti número 1". Mas todos eles são especiais para mim. Muito mais do que você imagina. Mas não são somente os seus perfumes que eu amo. Eu te vi uma vez de longe na loja de Paris. Você é linda, seu filho é lindo, sua filha é você com seus olhos cinzas e cabelos loiros. Sua família é linda. Você me enche de orgulho. Orgulho pelo seu trabalho junto a ex-presidiários, orgulho de ver suas lojas nos modernos shopping centers de Paris assim como no resto do mundo. Orgulho pelo que se tornou. Você me enche de orgulho... e de vergonha. Como disse no início da carta, você não me conhece, mas eu chorei baixinho aquele único dia em que vi você e sua família, meus netos. A imensa vergonha é pela mãe ausente, a mãe que eu nunca fui para você. Algo que vou carregar comigo até o fim muito próximo. Eu contei a eles. Hoje eu contei sobre você a minha filha. Contei ao meu filho e ao meu marido. Contei a minha neta. Apenas disse que te abandonei quando você tinha

sete anos. Minha neta tem seu nome. Ela também se chama Cibeli. Ela chorou quando eu contei sobre você. Ficou preocupada por você. Queria saber se você estava bem. Eu disse a ela quem você era. A dama dos Perfumes. Ela ficou feliz, perguntou se um dia você nos perdoaria pelo meu ato, como se ela tivesse parte da culpa por aquele meu pecado mortal. É fácil entender este sentimento. Minha neta sabe que ela só existe por que eu te abandonei. Assim que eu partir ela vai te mandar um pequeno presente, uma lembrança de minha parte. Agora que eu estou diante da morte, tenho medo do inferno, das criaturas que vou encontrar por lá, por que o que eu fiz não tem perdão.

Isabeli Gatti.

Cibeli Gatti olha para a carta em sua mão, pega uma caneta e uma folha de papel e começa:

:

Triberg 21 de dezembro 2020

Senhora Isabeli,

Você tem razão, senhora Isabeli. Eu não te conheço. E apesar de morar nove meses dentro de você, apesar de ter sido formada, formatada, cada célula minha foi criada por você, você também não me conhece. Mas já que você apareceu por aqui, eu

vou te dizer: Eu não estou tão bem assim quanto a senhora pensa. Nem sou tão motivo de orgulho assim. As consequências do que passei persistem até hoje. A criatura que você tem medo de encontrar no inferno sempre me visita em meus pesadelos. Quando ele não vem, eu fico acompanhada de minha insônia. Eu tenho fobias inexplicáveis. Minha vida sexual é conturbada, ou melhor, o sexo deste mundo não me interessa. Agora imagine uma criança de nove anos jogando amarelinha e pensando em suicídio. Eu já pensei nisto quando constatei que eu não pertencço a esse lugar, em meio a minha depressão, quando tenho certeza que serei para sempre mercadoria com defeito. Eu desempenho meu papel neste mundo com o desempenho de quem quer ganhar um óscar. É meu papel artístico de uma esposa que nunca serei de verdade. Meu papel é de uma mulher com filhos que não foi moldada para ser mãe. Saiba que eu tenho mudanças de humor bruscas. Às vezes estou tranquila como uma leve brisa como eu estava a alguns minutos atrás, de repente uma furiosa tempestade desaba sobre mim como agora. Normalmente, essa fúria vem quando lembro que minha infância e minha juventude, os melhores anos de uma pessoa, me foram roubados e meu lugar neste mundo é o que nunca serei. Você foi embora quando devia ter lutado por mim. Lutando contra o monstro. Resgatar-me ou lutar até o fim. Isto é o que uma mãe faria. Agora não é justo querer aparecer por aqui dando uma de genitora arrependida na hora de sua morte tão indiferente para mim. É muito tarde para nós duas. Quanto a

sua lembrança após a sua partida, eu não quero nada seu. A única boa lembrança que guardo de sua convivência eu já consegui há muito tempo quando precisei. Meu príncipe valente. Que bom! Justamente no dia em que recebo sua carta ele passeia pela paisagem de meus pesadelos, se não certamente a criatura viria mais terrível do que nunca esta noite. Isabeli, como você disse eu não te conheço, portanto peço que não me escreva mais. Peço que não me dirija a palavra, se for possível morra em paz.

Cibeli Gatti

Assim que terminou sua carta e a selou em seu envelope, ela chamou Agner, sua governanta.

- Agner, por favor, coloque isto no correio. Em silêncio, Agner pega a carta escrita das mãos de Cibeli. A governanta sabe que hoje em dia uma carta escrita à mão é algo raro e muito pessoal. Agner também recebeu uma carta assim de seu passado distante. Uma carta que ela se recusa a abrir.

Quando a governanta sai, Cibeli se lembra daquele dia de seu passado distante:

“Aqui está o valor que você me pediu. Acho muito caro para um curso de dois meses, mas eu entendo. Aproveite bem. Você sabe muito bem que este curso é o mais perto que você vai chegar de uma Universidade.”

Cibeli sabe por que veio à sua memória aquele incidente tão distante, quase totalmente esquecido, de quando era uma jovem destinada a uma existência limitada e patética. Ela se lembra do que acabou de escrever naquela carta:

“ . Que bom! Justamente no dia em que recebo sua carta ele passeia pela paisagem de meus pesadelos, se não certamente a criatura viria mais terrível do que nunca essa noite. “

É o novo motorista valente, tomando posse de seus jardins, (assim como ele tomou posse de mim há tantos anos).

A humilhação de Cibeli

Rio de janeiro

Cibeli com dezenove anos.

No bairro do Maracanã o dia é monocromático, cinza e parece querer depreciar ainda mais a segunda feira carioca e preguiçosa. Na UERJ, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, existe em sua uma lanchonete que não é exatamente uma referência em comida lusitana, mas é sempre visitada por alunos da universidade atrás de seu bolinho de bacalhau. Para Cibeli, mesmo em uma segunda-feira, aquele pátio da universidade tomado por alunos parece um bar de jovens com conversas animadas em um sábado à noite. Ela se mistura feliz na multidão de alunos e passa por mesas barulhentas. Cibeli não é aluna da Universidade. Não tem estudo para isto. Seu ensino médio foi concluído com duas reprovações nos piores colégios que o dinheiro pode pagar e notas tão sofridas como alguém que “vai precisar fazer Mobral (Movimento brasileiro de alfabetização) quando sair da escola”, como disse sua professora de português na frente de toda a sala. Mas agora ela está lá, com os universitários. Cibeli se lembra das palavras

do pai quando ele deu a ela o dinheiro para fazer aquele curso tão sonhado:

“É o mais perto que você vai chegar de uma Universidade”

Não importa. Ela conseguiu uma vaga em um curso técnico promovido no semestre pelos alunos da universidade. Um curso sobre perfumes a ser ministrado por alunos da faculdade de Química. Cibeli ainda está maravilhada com o que vê em seu segundo dia na universidade. Olha os alunos de uma das instituições mais prestigiosas do país compartilhando sua juventude e seus sonhos. Certamente, entre eles estarão homens e mulheres vitoriosos em suas profissões. Excitada com seu curso de perfumes caseiros, ela vai até a lanchonete e faz seu pedido. De volta ao pátio com um café grande e forte como pediu e uma bandeja de papelão com bolinhos de bacalhau que ela pegou no bar da Universidade ela repara em algo diferente. Tem um jovem lá, em frente a ela, em uma mesa, sozinho. Ele tem um livro sobre a mesa. O jovem de cabelos longos castanhos claros definitivamente chamou a atenção dela. Ele não parece se importar com sua solidão em meio aos festivos alunos. Cibeli percebeu que ele era diferente do resto de seus colegas. Tem postura. É elegante. Parece mais um homem do que um jovem estudante. Cibeli continua

concentrada nele. Ela ajeita os seus cabelos. Instintivamente, ela vai em direção a ele. Procura uma mesa perto dele. Só queria o ver mais de perto. Já próxima à mesa ela repara que ele lê um livro: “A história do Direito médico”. Ela fica admirada. Ele ainda é mais bonito de perto. O cabelo claro encaracolado. Os olhos verdes escuros como veludo. Ela lamenta. Não tem mesa perto dele. Então, já junto à mesa dele, o impensável acontece. Ela tropeça em seus próprios pés e cai na frente daqueles alunos todos. A bandeja escapa de suas mãos. Os bolinhos de bacalhau rolam pelo chão. Cibeli rapidamente se levanta espantada. Agora a jovem tem os olhos atônitos e pasmados quando vê o moço bonito a sua frente. O café inundou a blusa dele e seu livro. O burburinho do pátio fica subitamente mudo com a cena. Os olhos agora estão todos voltados para a cena em um curioso silêncio. Então alguém dá a primeira gargalhada. Logo o pátio inteiro ri e assobia algo que soa como histérico para ela. (Eu sou a atração do circo) A jovem desastrada não sabe onde se esconder. O moço bonito se levanta. Ele fala a ela irritado, olhando para sua camisa: - Parabéns! Você conseguiu me bagunçar todo. Ele olha para o livro ensopado. Agora não dá uma palavra a ela, apenas um gesto de reprovação balançando a cabeça negativamente. O estudante vai em direção ao

dono da lanchonete no caixa, passa por Cibeli como se ela não existisse, coloca o livro molhado pelo café em cima do balcão e diz:

- Avise a ela que amanhã eu passo aqui para pegar um livro igual a este. Um livro novo. Não me importo quem vai pagar a conta do meu lanche. Não é problema meu.

O pátio todo agora se cala, escuta tudo que ele fala. Em meio ao silêncio desconcertante e diante de um constrangimento mudo da moça, ele se vira e vai embora. Ele passa por Cibeli e diz enquanto vai em direção ao portão da universidade em voz alta:

- Veja se não consegue estragar o dia de mais ninguém por hoje, se isto for possível.

Diante do pátio e seus alunos em um acanhado silêncio, Cibeli vai embora abalada.

Uma aluna assiste ao o que o jovem fez a moça envergonhada e comenta com quem era há bem pouco tempo seu namorado:

- Aquele babaca merecia levar uma surra!

Ele responde:

- Aprovado. Mais uma desta e eu mesmo acerto ele.

Em seu sonho Cibeli não sabe onde está. Mas está com medo. Assustada. É uma cena escura e soturna como um planeta hostil atrás do espelho. Ela vê a névoa muda que cobre seus pés e se espalha na paisagem de seu

pesadelo. A sua frente tem alguém. Ela não pode vê-la, mas sabe que tem alguém lá. Agora ela escuta risos histéricos. São os alunos no pátio da faculdade. O medo agora se funde à tristeza. Cibeli tem lágrimas nos olhos quando ela diz a si mesma:

- Um dia eu vou ser a dama dos perfumes.

- Eu sei, querida.

- Quem é? Quem está aí?

A figura feminina não responde a ela, apenas continua:

- A multidão ri porque não sabe que nós estamos condenadas. Somos mulheres que perderam a infância e a juventude, os melhores anos de suas vidas, trancadas em armadilhas e arapucas propositadamente armadas por aqueles que nos deviam armar, cuidar, alegrar, corrigir, ensinar, enfim preparar para o futuro.

Cibeli agora começa a chorar como uma criança, com medo, agitada. As risadas continuam histéricas. A senhora com voz doce continua:

- Eles não sabem. Depois, mergulhadas em distúrbios, mulheres como nós descobrem, quando crescem, que estão desprovidas do instinto materno e do amor “Eros” tão cantado no mundo à que não pertencem. Algo tão necessário para uma vida verdadeira e saudável.

Agora a criança de sete anos enxuga as lágrimas. Cibeli diz atrevida a senhora escondida no escuro:

- Eu tenho um futuro brilhante! Eu posso sentir isto...

- Eu sei, meu amor.

A aglomeração de risos histéricos não para. A senhora continua com voz terna:

- Eles riem por que não sabem que estamos para sempre sentenciada a não ser o que é tão comum para a multidão à nossa volta. Somos condenadas a viver às margens da vida.

Assombradas, nossos sonhos povoados por pesadelos durante a noite e dias ansiosos.

- Mãe, me perdoe! Mãe me ajude!

- Mas nós não estamos sozinhas, minha princesa. Algumas de nós são artistas famosas, políticas vencedoras, empresárias de sucessos como você vai ser, Cibeli. Vitoriosas em suas carreiras em uma tentativa determinada e heroica de preencher seus vazios com seus talentos únicos. Uma luta inútil. No fim, são compelidas ao suicídio voluntário com uma arma ou involuntário através do álcool e das drogas.

- Eu não sou assim...

- Minha pequena. Tenha certeza que você não chegou ainda nem perto do real sofrimento que te espera. Quando a esperança acabar... Cibeli avança em direção à senhora escondida pelo escuro da noite.

- Me perdoe.

Os risos continuam:

- Para esta multidão de risos, existe um romance com encontros e desencontros, ciúmes, maldades, preconceitos, vaidades, ambição, traição, luxúria, violência e paixões... mas para nós só o vazio.

- Mãe, me ajude...

Como você eu mesma nunca acreditei no instinto paterno e materno como algo sagrado e na família como uma instituição intocável.

Agora eu sei...

- Me perdoe. Ajude-me...

- Nem como filha, nem como mãe, nem como esposa e nem como amante eu posso te perdoar pelo o que você é.

Então, em seu pesadelo Cibeli sente uma pequena claridade surgindo. O suficiente para iluminar o centro do cenário de seu pesadelo.

A Senhora lá não é sua mãe. É ela mesma, a senhora Gatti, a dama dos perfumes, sentada em uma rocha lisa e nua. Cibeli observa seu futuro. Os risos se vão, tudo fica em silêncio.

Agora a Cibeli, com dezenove anos, observa a brincadeira de amarelinha riscada no chão seco e morto do planeta hostil. A senhora Gatti, dama dos perfumes, tem uma arma ao lado dela. Ela pega a arma. Cibeli grita Aflita!

- Não faça isto!!

Cibeli acorda. Já sabe que não vai dormir mais.

ARGUS

No dia seguinte, em uma noite quente e pegajosa, Argus não se sente bem. O apartamento no bairro de Vila Isabel, zona norte carioca onde ele mora, agora parece estranhamente desconfortável. Ele olha com ironia o quadro com uma foto de um pier de madeira em mar aberto, com uma de suas frases preferidas de um autor desconhecido:

“Quando amar o próximo eu estarei em minha terra prometida.”

Ele tem um sorriso cabisbaixo, constrangido consigo mesmo enquanto pensa em sua discussão com Sofhia no fim do curto namoro e sua consequência envergonhada. (Aquilo que eu fiz é a mais perfeita demonstração de ausência total de empatia, meu autor preferido), ele pensa e vai até a cozinha. Serve-se de um suco de laranja. Argus não tem apetite algum. O telefone toca. É seu amigo Cristian:

- Eu estou com Angélica aqui ao meu lado. Você deve estar se sentindo acabrunhado com o fim de seu namoro com Sofhia. Decidimos solenemente o paparicar. Vamos busca-lo. Nada de ficar sozinho. Antes que Argus falasse algo, Cristian passou o telefone para Angélica.

- Argus. Nós vamos passar aí de carro e o levar para dar uma volta. Estamos pensando em ir até aquela queijaria italiana dividir uma pizza. A sugestão foi do Cristian. Vamos lá jogar conversa fora...

- Desculpe, prima. Hoje não, Angélica. E não vou ser uma boa companhia hoje.

Angélica fica preocupada.

- A discussão com Sofhia no fim do namoro foi tão pesada assim...

- Só não estou bem...

(Bom, eu tentei), Angélica pensa.

- Argus, não precisa ficar tão jururu...

Argus fica em silêncio, a prima continua:

- Se mudar de ideia...

- É claro, eu ligo de volta. Agradeça a Cristian, ok?

Assim que desligou o telefone, ele deu de cara com a mãe. Ele já sabe que ela percebeu que tem algo errado com o filho.

- A Sofhia te faz tanta falta assim, filho?

- Não é isto. Não é Sofhia.

A mãe fica em silêncio, espera Argus continuar, aquilo parecia um desabafo.

- Ontem, no pátio da faculdade, eu humilhei uma aluna. Ela deixou cair uma xícara de café sobre mim. Foi só um acidente, mas como eu disse banqueei o mais completo imbecil.

Ela entendeu que aquilo era um desabafo. A mãe escuta o filho suspirar e ele continua amofinado:

- Eu estava aborrecido. Só pensava no bate-boca entre eu e Sofhia no fim de nosso namoro. Sofhia tem uma língua bem afiada. Foi quando levei um grande susto e percebi o café ensopando minha blusa e meu livro encharcado. Agora eu sei que na verdade eu acabei desabafando minha irritação com a troca de acusações com Sofhia no fim do namoro em cima da jovem que tropeçou e derrubou seu café em mim. Hoje eu dei uma de grande babaca.

- Você a ofendeu?

- Eu dei um parabéns cínico a ela. Disse que ela me bagunçou todo, mas que eu ia sobreviver. Depois a tratei como se ela fosse um nada. Eu exigi do dono da lanchonete o ressarcimento de meus “graves prejuízos”, a compra de um livro novo. Então disse à aluna para ela fazer um esforço e não estragar mais o dia de ninguém. Tudo isso na frente do pátio lotado de alunos assistindo o episódio.

Agora Argus apoia e esconde o rosto no ombro da mãe e diz envergonhado:

- Eu dei uma de grande babaca...

A mãe tem um olhar perplexo:

- Ainda bem que eu não estava lá para ver uma cena destas.

Agora Argus olha para a mãe com em expressão contrariada e angustiada, a voz de Argus é irônica:

- Obrigado, mãe. Já me sinto melhor.

- Ser irônico não vai te ajudar em nada. Quer se sentir melhor de verdade? Então vá até a lanchonete agora mesmo. Pegue seu livro de volta. Repita ao dono da lanchonete o que você me disse:

“Foi só um acidente”.

A mãe continua:

- Depois procure a jovem e peça desculpa a ela.

Argus sabia. A mãe estava certa.

- Você a conhece, Argus? Pelo menos de vista?

Argus se lembra do que viu na moça, uma jovem de cabelos cinza longos bem cuidados, perfeitamente cortados. Pálida, magra e abatida. Com olhos de cor cinza assustados pelo acidente e uma estranha orelha cortada diagonalmente, uma orelha pontuda:

- Nem de vista...

Kaira observa o filho. É visível o abatimento dele.

- Argus, tem erros na vida que ficam incomodando nossas mentes como aquela coceira que volta sempre.

Ele olha fixamente para os olhos da mãe.

- Eu vou achá-la. Obrigado, mãe.

Era horário de aula. Agora o pátio estava vazio. De volta à lanchonete, Argus se sentia

constrangido. Ele não sabia com que cara ir ao caixa:

- Boa noite, senhor Abel.

- Ah! Aí está ele...

- Eu vim pegar meu livro de volta.

Argus tem um sorriso sem graça quando diz:

- Aquilo foi só um acidente...

O homem olha sério para Argus. Ele não se intimida e continua:

- O senhor sabe onde encontrá-la? Ela parece nova na escola. Eu quero pedir desculpas a ela.

Seu Abel parece satisfeito com o que ouviu. Decide ajudar Argus.

- Ela não é aluna da universidade. Faz um curso ministrado pelos alunos da faculdade de química.

- O curso dela é pela manhã? Qual horário?

- Não, Argus. É agora à noite. Não sei por que hoje ela veio pela manhã. Só parecia estar feliz por estar aqui. Até...

Ele só repara na moça ao lado dele quando ela interrompe seu Abel e continua por ele:

- Até você fazer o papel de grande babaca da universidade. Você se sente bem humilhando os outros daquele jeito, gostoso?

A moça bonita de olhos verdes azulados e sotaque paulista tem uma indignação feminista e um olhar hostil para ele. Argus conhece a aluna. De fato, ela é bem popular na Universidade. (Eu sei quem ela é. Está por aqui de passagem com alguns universitários

de São Paulo, atrás de uma matéria no curso de letras na UERJ que é conhecida por sua excelência.)

- Então? Não vai responder minha pergunta, garotão?

Ele olha com olhos carinhosos para a moça: (Uma pergunta direta merece uma resposta direta.)

- Se eu humilhei alguém naquela cena, este alguém foi eu mesmo.

A paulista desarma e fica admirada com a resposta dele. Ela diz concentrada:

- O rapaz mais bonito da faculdade. Uma pena. Vá até ela, menino. Peça desculpas.

- Eu estou aqui para isto, Ana. Qual o horário do curso, senhor Abel?

- Agora mesmo.

- Eu vou até lá. Obrigado senhor Abel. Até mais tarde, Ana.

- Não vai pegar seu livro novo, Argus?

Ele olhou envergonhado para o senhor à sua frente. Lembrou-se do que disse a ela:

“- Avise a ela que amanhã eu passo aqui para pegar um livro igual a este. Um livro novo!”

Ele fica constrangido. A moça pisoteada por ele no pátio já comprou um livro novo na biblioteca da faculdade. Agora seu Abel e Ana reparam que Argus balança a cabeça em um sinal de reprovação a si mesmo.

- Bom, aqui está seu livro, meu jovem. Tem um bilhete dela para você.
Ele abriu o bilhete dobrado:

"Aí está o seu livro. Eu sempre pago minhas dívidas. Hoje não vai ser diferente. Você foi grosseiro e mal-educado comigo. Se algum dia nos encontrarmos novamente, peço que não me dirija à palavra."

Para seu Abel e Ana é visível que o aluno está inconformado com aquela situação toda.

Depois de alguns segundos Argus se recompõe:

- Senhor Abel. Eu agi muito mal ontem. Na verdade, aquilo foi só um acidente. Eu acabei descontando naquela moça uma frustração minha com um problema de relacionamento com a minha ex-namorada. Peço desculpas pelo meu comportamento. Eu vou procurá-la no curso. Obrigado, senhor Abel. Até logo Ana.

Ana sorri quando Argus vai atrás de Cibeli. A estudante da UESP de passagem no Rio não está mais indignada com ele. Ela pensa satisfeita. (O rapaz mais bonito da universidade sabe o meu nome e eu nem sabia o nome dele até agora. Uma pena que eu vou embora para São Paulo esta noite. Será que nós ainda vamos nos encontrar por aí um dia destes Argus?)

Argus já sabia o que fazer. (Eu tenho uma amiga que dá aula naquele curso técnico. Ela pode me ajudar a encontrar a moça), ele pensa e apressa o passo. Encontra Maria Glória pronta para entrar na sala onde dá o curso.

- Maria Glória, por favor...

- Os alunos estão me esperando na sala de aula.

- Eu sei. É só um minuto. Você tem uma aluna nesta turma morena e bem magrinha e com cabelos bem cortados até os ombros? Ela tem um corte na orelha...

Por alguns momentos, Maria Glória parece surpresa com a pergunta dele. Então ela abre a porta da sala e avisa aos alunos que só vai demorar um minuto e em seguida fecha a porta. Agora se volta para Argus com uma expressão incrédula:

- Não me diga... foi você, Argus?

Argus fica em silêncio.

- Quem cala consente.

- Não me recrimine. Ajude-me. Eu quero pedir desculpas a ela.

- Agora não dá mais...

Ele fica mudo.

- Ela se desligou do curso. Ela não quer mais vir à universidade.

- Meu Deus! - Ele falou para si mesmo- Não era para tanto...

- O que ela devia ter feito era comprar outro café lhe e dar outro belo banho na frente de todos, mas tem algo errado com ela, a moça é visivelmente desajustada.

Agora Argus tem uma expressão triste.

- Você consegue o telefone dela, eu ligo com minhas desculpas e talvez possa reverter toda esta situação. Quem sabe ela volta para o curso?

Maria Glória tem o telefone dela. Inclusive foi escalada por uma fascinada professora de Química para ligar para ela e insistir na volta dela. A aluna tem potencial para ser uma perfumista brilhante. Um olfato canino.

Catalogou mais de trinta aromas na primeira e única aula. Incrível! Isto sem errar nenhum. O olfato perfeito aliado a uma paixão por perfumes que a envolve como a determinação de um centro avante em busca de um gol.

Maria Glória não vai ligar. Vai dizer apenas que a aluna se recusa a voltar. Não existe nada mais mortal para uma pretensa perfumista do que descobrir que sua arte é medíocre. É assim que Maria Glória se sentiu quando viu o talento daquela moça. (Eu espero nunca mais te ver na minha frente, Cibeli). Ela pensa enquanto olha para Argus.

- Não, Argus. Não tenho nada dela. Eu tenho que entrar na aula. Quer mais alguma coisa?

- Como é o nome dela mesmo, Maria Glória?

- Cibeli.

- Eu já vou. Obrigado, Maria Glória.

De volta ao pátio da universidade, um grupo de alunos passa por ele. Um dos jovens para olha para trás em direção a Argus e diz:
- Agora todo mundo sabe que você é o grande Babaca da Universidade!

Argus sorri. (Sou sim, o grande babaca da Universidade. Eu mereço...) Ele responde ao aluno com uma expressão indiferente:

- Não tem o que fazer? Por que não vai cozinhar um ovo?

Antes de sair ele dá uma última olhada no pátio da lanchonete vazio e pensa nela: Eu não desisto fácil, Cibeli. Eu te devo uma e eu, como você, sempre pago as minhas dívidas.

A terra prometida de Argus

Triberg

Argus com cinquenta anos

Argus estava impressionado. Na casa de campo da família Gatti, ele não pode entrar ainda. Não enquanto ainda estiver em treinamento. Mas a casa dos empregados já é por si só algo grandioso. No andar de cima ficam os homens. No andar de baixo as mulheres. Os quartos não eram gêmeos nem perfilados pelos corredores, como as celas da galeria em que dormiu por duas ocasiões em Ilhéus. Apesar de diferentes entre si, todos eles eram suítes com smar tv, notebook... tudo o que a tecnologia moderna pode dar de conforto. Cada um deles tem um jardim de inverno. O quarto de Argus ficava ao lado da janela que dava vista para um grande pinheiro. A casa tinha uma copa e cozinha de primeira, mas raramente era usada. Somente os empregados em treinamento comiam ali e no momento ele era o único em tal condição. A governanta e o segurança têm suas salas de trabalho dentro da residência, mas também raramente aparecem em seus escritórios. Porém, o que realmente encantou Argus é o jardim que rodeia a Mansão e a própria mansão. Ele apreciou as fontes como aquela

do anjo de asas quebradas. Os dois quiosques nas laterais da casa. As trilhas e pequenos lagos de pedras quase sempre cobertos pela névoa. Argus se lembra de que sorriu quando terminou de rodear o jardim. (Nos presídios não se acham jardins assim). A mansão vitoriana era bela e triste. Algo gótico. Um contraste perfeito com a moderna casa dos empregados. Agora, de volta a casa dos onde fica seu quarto, Argus observa o quadro na sala da casa dos empregados. O senhor Jesus na cruz. Ao lado dele os dois criminosos. Ele só repara que Natascha está ao lado dele quando ela diz:

- Às vezes eu acho que está passagem da Bíblia Sagrada foi escrita para nós. A menina de olhos negros expressivos e sorriso branco agora fica em silêncio ao lado de Argus, apreciando a pintura. Então Argus cita aquela passagem à arrumadeira:

“Rei. Lembra-te de mim quando entrares no teu reino”

Ela continua por ele:

“Ainda hoje estarás comigo no paraíso!”

Argus comenta olhando para o quadro:
- Eu nunca aceitei bem esta passagem bíblica. Quem sabe quantas vidas aquele homem tirou, quantos furtos e roubos ele praticou.

Agora, na hora de sua morte, ele se arrepende e está salvo. Seria isto justo com suas vítimas? Natascha responde a Argus ainda olhando para a cruz.

- Não importa como começa. A mensagem do texto é que ao reconhecer o reino e Senhorio de Jesus, só resta uma coisa a se fazer, arrepender-se e deixar o erro para receber a misericórdia de Deus, e foi o que aconteceu com o ladrão arrependido. O que importa é como termina. Ele foi para o paraíso...

Agora Argus se lembra das palavras de Cibeli a décadas atrás como se fosse hoje, quando ela nem disse adeus a ele:

“Eu me apaixonei por você, Erik. Você é o homem da minha vida. Nós dois vamos juntos para o paraíso, nossa terra prometida.”

- Eu vou para o inferno, Natascha. Não tenho como perdoá-lo. Seu salvador me abandonou. Ela sente a mágoa do homem diante da Cruz. Ela sabe o porquê daquela revolta silenciosa diante do Senhor. A vida que ele pensa que jogou fora.

- Sabe, senhor Argus? Eu me lembro de que minha mãe e meu pai viveram uma paixão única aos meus olhos. Quando ele pegou aquela doença terrível nos seus quarenta e seis anos, ela ficou ao lado dele. Sofrendo com ele. Cuidando e dedicando-se a ele até a morte. Ele se foi nos braços dela. No meio do

velório a amante e o filho dele apareceram para dar um último adeus a meu pai. Naquele dia minha pobre mãe entendeu. Toda a felicidade, todos os bons momentos com seu marido e até a tristeza dela pela morte dele era tudo uma mentira. Toda aquela paixão de décadas era uma farsa. No fim, o que importa é como termina. Agora imagine o seguinte. Uma ex-presidiária, uma amiga minha com mais quarenta e cinco anos de idade conhece o novo advogado que vai tentar tirá-la da prisão. Ele se apaixonou por ela. Ela se apaixonou por ele. Logo o amante se misturava com o advogado. Ela o recebia em suas visitas íntimas. Ele a defendeu na justiça com paixão. Pedia indultos. Liberdade condicional. Quando finalmente ela saiu da prisão, ele a esperava do lado de fora da penitenciária. Eu a procurei quando fui solta e antes de receber a proposta para trabalhar na Alemanha. Ela me disse que passaria novamente por tudo que passou com um sorriso no rosto, como se tudo fosse uma aventura épica, para encontrar seu marido, o homem de sua vida, no fim da história. Tudo que importa é como termina. É isto que a mensagem na cruz nos deixa.

Argus tem um sorriso carinhoso para a jovem Natascha quando diz:

- Então você acredita em finais felizes? Nada mais apropriado. Afinal nós estamos na terra dos contos de fada.

Natascha devolve o sorriso carinhoso.

- Então, Argus. Qual o seu final feliz, senhor Argus?

- Depois de ter passado minha vida adulta toda na cadeia aqui é o meu final feliz, Natascha. Vocês são o mais perto que posso conseguir de um lar e uma família agora. Pode acreditar que estou muito feliz com isto. Quem sabe você não tem razão? Tudo o que importa é como termina.

Natascha ficou passada quando ouviu aquilo. (Será que ele não sabe que vai ficar só por alguns dias?). Ela continua:

- Mas o Senhor Jesus tem muito mais do que isto para aqueles que o buscam. Persista em sua busca por ele, senhor Argus.

Argus sorri acompanhado de uma de suas lembranças antigas:

- Não se preocupe, Natascha. Eu sei ser persistente quando quero. Com licença, Natascha. Vou subir ao terraço um pouco para apreciar este dia lindo.

Apesar da manhã sempre congelante para alguém que chegou recentemente do Brasil, o dia está surpreendentemente azul. A névoa pesada ou a neve tão comum pela manhã nesta parte do mundo, deu lugar à claridade. No terraço da casa dos empregados, ele aprecia a vista campestre em silêncio, ao lado

Grace. Ele já reparou que a ajudante de cozinha anda sempre com aquele olhar triste. O mesmo olhar que se agrava quando os olhos dela apontam agora para algo no jardim da mansão. Curioso, Argus segue os olhos de Grace. Então, ele vê ao longe um casal se preparando para o café da manhã em dos quiosques laterais da casa de campo. Pergunta a Grace concentrado na imagem longe:

- São eles?

Grace responde com aquele olhar triste:

- Senhor e senhora Gatti. Nossos salvadores. Argus olha fascinado para o casal. (Então são eles...). Marido e mulher estão em pé ao lado da mesa. Então Argus assiste o abraço carinhoso do casal. Depois vem o beijo apaixonado. Argus sorri. É mesmo uma manhã perfeita. Agora ele repara em Grace. Ela é uma mulher bonita. Uma catarinense típica, loira de olhos azuis como qualquer alemão, só que brasileira. Ele ainda não foi apresentado formalmente aos empregados. Mas é inevitável que eles se misturem. Aos poucos ele vai conhecendo sua nova família. Ao contrário de Grace, sempre calada com seus olhos tristes, Clarinha é agitada, uma personalidade forte. Luana e Natascha são como unha e carne. Mas Natascha, como cristã praticante, não vê com bons olhos as profecias habituais de Luana. Hans é o anjo da guarda. (Ele é como aquele menino pesado que nunca desiste de alcançar seus amigos

mais esbeltos em uma corrida sem fim, heroico...) Agner é a cuidadora. Ele ainda não conhece Jeremy, o jardineiro com suas viagens misteriosas. Parece que vai chegar mais um ex- presidiário, um mordomo. Olhando para o casal vitorioso lá embaixo, Argus não vê a hora de agradecer pessoalmente aos dois pela oportunidade.

Ao lado da mesa posta no quiosque do jardim, Cibeli suspira depois do beijo em seu marido e volta a descansar no peito dele. O natal é sempre íntimo, só para os pais. Mas este ano os filhos estão viajando. Junior com sua esposa pela Europa. Leona a trabalho nos Estados Unidos. A festa de fim de ano é sempre entediante. Quase uma convenção da perfumaria Gatti. O salão de festa fica lotado com os gerentes das lojas, clientes e amigos do casal. Ela se alegra quando Erik fala:

- Eu acho que estou precisando me redimir com seus empregados. Será que eles ainda pensam que eu desaprovo suas contratações? Cibeli tem um sorriso alegre.

- O que pretende fazer para recuperar sua abalada imagem junto aos meus queridos? Ele devolve o sorriso a ela:

- Você fala de seus empregados como o jardineiro fala de seus gatos.

- Jeremy, quem diria? Até hoje eu me surpreendo com o carinho do caladão e soturno jardineiro com seus gatos. E me mordo de curiosidade sobre suas misteriosas viagens. E você? O que quer fazer para deixar meus empregados menos hostis?

- Eu estava pensando em fazer uma festa de fim de ano bem íntima. Só com nós, Leona e Junior e os empregados da casa.

Para ele é visível a alegria dela com a proposta. Ela levanta os punhos eufóricos.

- Eu topo, negócio fechado. Agora você não pode mais voltar atrás, Erik.

Ele brinca com ela:

- De modo algum. Eu sou um homem de palavra. Uma festa de fim de ano só com nossos filhos e nossos empregados.

- E minha prima Sílvia...

- Cibeli, trato desfeito! Você colocou alguém de fora. A festa acabou.

Cibeli mostra os dentes e apresenta as suas mãos em forma de garras.

- Deus me livre de sua fúria, Cibeli. É claro que sua prima é muito bem-vinda.

Cibeli pensa com carinho na prima:

(Desde que o marido dela faleceu, ela se jogou de cabeça em seu trabalho na fábrica de perfumes na Cidade de Grasse. Enquanto nosso filho viaja pelo mundo).

- Sua prima faz parte de nossa família.

Cibeli abraça o marido e começa a fazer seus planos.

- Eles sempre fazem a festa deles na casa dos empregados. É no terraço quando não neva, ou na grande sala da televisão quando a neve cai. Vamos fazer a festa lá mesmo. Quando estiver tudo pronto, certamente Agner vai me procurar com aquele mesmo rosto gelado de todo ano me fazer a pergunta que ela deve preservar no formal de tão antiga que é:

“- A senhora gostaria de participar da nossa festa de fim de ano, senhora Gatti? ”

- Só vou falar uma única frase:

“Eu vou lá com Erik”.

- Os olhos dela vão saltar de seu rosto...

- A gente podia cozinhar algo para eles. Acho que isto vai ser legal. Que tal uma sopa de ervilha para trazer sorte?

- Ótima ideia. Erik, você hoje está inspirado. Cibeli suspira. Ela agora vai mudar de assunto.

- Erik, você tem que viajar assim tão perto do natal?

Ele também suspira.

- Você sabe como os japoneses são, mas não se preocupe. Eu não vou deixar você sozinha no Natal. Não mesmo. Depois nós vamos fazer aquela viagem que eu te prometi. Nós dois vamos passar seu aniversário longe de casa. Cibeli tem um sorriso delicioso quando pensa em sua viagem com o marido após o fim de ano. (Está na hora de começar a colher os frutos de meu trabalho.) Agora Cibeli olha

com seus olhos apaixonados para Erik. Quer mostrar a ele o quanto sente falta dele.

- Erik, você tem certeza que tem que viajar assim tão perto do natal?

- O que importa é que estaremos juntos nesta data tão especial.

Ela suspira.

- Não fique triste, Cibeli. É uma viagem de negócios longa, mas rápida. Vai ser um pulo só de ida e volta ao Japão. Você imagina mesmo que não vamos passar o Natal juntos? Conformada com a viagem do marido tão próximo ao natal. Ela repara naquela figura ao longe, ao lado de Grace. Ela sabe quem é aquele homem que colocou no quintal de sua família. Uma nova animosidade contra a figura lá em cima aparece junto com uma ponta de aborrecimento por jogar alguém que já foi tão íntimo dela bem no meio do lar de seu esposo e filhos.

O inalcançável Argus

Rio de Janeiro

Argus com vinte e dois anos

O sol aparece entre as nuvens e finalmente a praia de Ipanema ganha um pouco de vida. Sofhia não resiste e senta ao lado de Argus. Por alguns segundos ela não fala nada, apenas olha para ele, até que diz divertida:

- Quem diria? O garotão de Vila Isabel que já foi meu namorado. O cara mais assediado pelas alunas na Universidade. Agora você é o grande babaca...

- Sofhia e sua língua afiada.

Argus e suas frases feitas. Vamos, conte-me como é ser um grande babaca?

- Por que não pergunta a seu namorado?

Sofhia joga a cabeça para trás em uma grande gargalhada.

- No momento eu estou disponível. Tenho que perguntar ao meu ex mesmo. E você, Argus? Já arranjou outra namorada?

Argus suspira.

- Quem quer namorar um grande babaca?

Sofhia tem um sorriso malicioso:

- Não fique triste, Argus. Procure alguém.

Sempre tem um chinelo velho por aí para um pé doente.

Ele sorri:

- No momento tenho outras prioridades.

- Mais estudos? Argus, as férias estão chegando. Vai passar seu descanso mergulhado em seus livros de medicina.

- Não é isto.

- Qual a prioridade então?

Ele olha para Sofhia.

- Achar Cibeli.

Sofhia fica curiosa.

- Quem é Cibeli?

- A moça que eu humilhei no pátio da faculdade.

- Não tem medo que ela te dê um tiro?

- Tenho que correr este risco. Eu devo desculpas a ela.

- Coitadinho. Mas eu acho que posso te ajudar.

Agora é Argus quem olha curioso para a ex-namorada. Sofhia continua:

- Ela tem uma prima na UERJ. O nome dela é Sílvia.

Argus fica animado.

- Sabe Sofhia, você não é tão má assim. Seu problema é só sua língua de sogra.

Diante do campo azul como o céu carioca, ela inspira o ar a sua volta. A flor Lavanda é sempre uma boa ideia, mas não desta vez. Excitada, ela quer fazer uma colônia masculina simples, mais elegante para o grande e lindo jovem grosseiro. Discreta,

sexual... para imaginar seus dedos molhados passeando na pele dele. Algo fácil para um olfato despreparado identificar. Desde o início de sua adolescência, ela sabe, sua paixão por perfumes é um distúrbio sexual. Cibeli pensa definitivamente eroticamente excitada. (Flor de limão, a flor perfeita para o perfume do príncipe da imensidão azul).

- Oi, Cibeli...

Cibeli volta de seus pensamentos. A prima está ao lado dela.

- Que surpresa, Sílvia.

- Seu pai me disse que você estaria por aqui. Tenho algo a lhe contar...

Cibeli recomeça a sua caminhada pelo Jardim Botânico agora ao lado da prima:

- Como vai, Sílvia?

- P. da vida. Minha mãe tomou para ela o perfume que você me deu...

Cibeli sorriu. Sílvia continua:

- Cibeli, na verdade eu cometi um grande erro. Eu dei a ela o seu presente achando que aquele perfume era, sabe como é...

- Coisa de amador.

- Isto mesmo. Depois, quando senti o perfume e vi o que dei a ela eu quase relinchei.

Parabéns pelo perfume, Cibeli. Eu disse que queria o perfume de volta, sabe o que ela falou:

- Imagino.

- Nã, nã, ni, na, não! Deste jeito. Bem lentamente. Balançando o dedo em um gesto

negativo que acompanha cada sílaba daquela passa- fora.

As duas sorriem, Sílvia continua:

- Quer que eu faça outro para você?

Cibeli percebeu a alegria da prima.

- Claro! Que pergunta...

- Quero! Quando fica pronto?

Cibeli se diverte com o tom de urgência da prima.

- Não demora, mas primeiro eu vou fazer uma colônia masculina...

Depois de um silêncio momentâneo, Sílvia fala alegre:

- Cibeli, você arranjou um namorado...

Cibeli fica em silêncio. Não tem namorado algum.

- Vamos sair juntas. Eu com meu novo namorado e você com seu namorado. Como é o nome dele?

Cibeli se lembra: (“Veja se não estraga o dia de mais ninguém “ . Eu nem sei o nome dele).

Cibeli pensa no que dizer.

- Não é nada certo ainda.

- Pobre coitado. Não tem chance nenhuma.

Você vai incendiá-lo com sua fragrância.

Cibeli prende a respiração e morde os lábios com as palavras da prima. Um arrepio sobe sob sua coluna, Sílvia continua:

- Espero pelo meu perfume com calma.

Capriche na colônia. Mas não foi por isso que eu te liguei.

Cibeli se dirige a um banco de pedra próximo a trilha. Agora as duas estão sentadas de frente para um grande campo verde. Mesmo ali em meio às múltiplas fragrâncias e aromas do imenso jardim ele consegue filtrar o cheiro de adrenalina da prima. (Ela está preocupada com o que vai dizer...) Cibeli está em silêncio, já controla sua respiração. Sílvia parece constrangida com que vai falar:

- Eu vi aquela cena na faculdade. Fiquei envergonhada por ter um aluno como aquele na instituição em que eu tanto sonhei em fazer parte.

Sílvia suspira e continua:

- Bom, de algum jeito ele descobriu que eu sou sua prima. Ele quer falar com você, Cibeli. Pedir desculpas...

(Diga a ele que eu vou fazer uma colônia especial. Incrível. Digna de um príncipe para ele. Um homem inalcançável como ele para uma garota que não pertence a este mundo, uma mercadoria com defeito.) Cibeli pensa e continua:

- Só diga a ele que está tudo bem, é melhor esquecer tudo isto.

- Uma pena pelo seu curso de perfume... promete que não vai se esquecer de meu perfume?

- Prometo que você vai se surpreender com ele.

Os olhos de Cibeli brilham quando ela continua:

- Quanto ao curso, não se preocupe, eu não preciso dele. Você vai sentir orgulho de mim, prima. Você está falando com a futura dama dos perfumes.

Sílvia não vacilou:

- Não se esqueça, minha prima. O mais íntimo possível.

Cibeli fica definitivamente excitada com Argus em sua mente e a conversa sobre perfumes.

- Tudo bem, prima. Logo ele estará em suas mãos.

Sílvia fala divertida:

- Você promete que vai me levar para trabalhar contigo quando virar a poderosa dama dos perfumes? Afinal eu vou ser química.

- Claro que sim! Você é minha melhor amiga! Sílvia fica comovida. (Melhor amiga... eu mal a conheço.) Agora, com as duas em silêncio, ela pensa divertida no que Cibeli falou. A poderosa dama dos perfumes. Quem sabe? Quem pode prever o futuro de alguém?

RIO DE JANEIRO

Sílvia está solitária junto a uma das mesas do pátio da UERJ apreciando os bolinhos de bacalhau que ela pegou no bar ao lado da Universidade. Ela não esconde a sua tristeza, o namoro com Fábio foi rápido e mortal. Ela se decide. Vai esperar o cara certo agora. Nada de afobação. (Agora um compromisso sério terá que esperar o homem certo...). Ela vê Argus se aproximando da mesa. (Ele quer saber a resposta de minha prima. Isto você vai descobrir agora, Argus.).

Argus se mostra ansioso quando chega à mesa:

- Incomodo?
- Pode se sentar, Argus.
- Obrigado.
- Como vai o Fábio?
- Por aí. Não estamos mais juntos. E você como está?

Ele espera um pouco para responder. Algo solidário com o fim do namoro dela. Então diz:

- Ansioso...

Sílvia sorri sem graça para Argus.

- Eu falei com Cibeli. Ela não quer te ver, Argus.

Sílvia se surpreende com a decepção e a tristeza de Argus com a notícia.

- Ela deve me odiar. Bem feito para mim.

- Veja só: era tudo para ser uma brincadeira. Ela derruba seu café em você. A turma se diverte com o banho que você levou. Em vez de se levantar irritado, você se levanta como um cavalheiro e com um sorriso diz:

“- O Café está quente e forte como eu gosto. Eu vou pagar dois cafés para nós com uma condição. Vamos tomar nosso café juntos. ”

Sílvia continua:

- Então o pátio todo aplaude a cena, eu vou divertida na direção de minha prima e dou um forte abraço nela. Ela tem uma manhã maravilhosa na Universidade. Tudo por que você foi gentil com ela. A gentileza é poderosa, muda destinos, sempre para melhor. À noite ela volta feliz para seu curso de perfumes e você não está mal visto onde estuda.

Argus tem um sorriso leve e amargo. Ele fala para ele mesmo, olhando para o pátio cheio de estudantes:

- Entendo. Quem sabe isto não aconteceu em um universo paralelo?

Ele olha para Sílvia e continua:

- Gentileza gera sutileza. Eu acho que tem um conto de Clarice Lispector com este nome.

- Sinto muito, Argus. Ela só pediu para você se esquecer disto.

- Impossível. Esta coceira eu vou levar para sempre. Você não conseguiu convencê-la a voltar ao curso de perfumista?

- Não tem como. Ela comprou o seu livro com o dinheiro para pagar o curso.

Argus suspira... Ele se lembra do bilhete que recebeu dela:

"Aí está o seu livro. Eu sempre pago minhas dívidas. Hoje não vai ser diferente. Você foi grosseiro e estúpido comigo. Se algum dia nos encontrarmos novamente, peço que não me dirija a palavra. "

Argus se levanta:

- Grosseria gera ressentimento.

Sílvia tem um sorriso constrangido para

Argus:

- Este também é um conto de Clarice

Lispector?

(Uma pergunta direta merece uma resposta direta):

- Este conto eu mesmo escrevi em uma manhã em que não devia ter saído da cama.

Argus vai embora. Sílvia sente um "que" de solidão em Argus enquanto o observa andando pelo pátio do colégio. (Tem algo de solitário nele. Será por causa de Cibeli? Ele não parece mesmo nenhum grande babaca como dizem por aí.) Sílvia acompanha o jovem agora só como ela. (Na verdade eu

estou começando a achar que ele sim, daria um belo namorado.).

A fúria de Cibeli

Triberg

Cibeli com quarenta e sete anos

No pesadelo, Cibeli olha para a sua vergonha, a coisa escondida dentro daquele cofre. No sonho, ela se levanta bem lentamente de sua cama para não acordar o marido. Vai em direção à escada em forma de caracol e desce até o primeiro andar de seu quarto. Ela está aflita. A paisagem de seu pesadelo está à sua frente, uma bruma pesada no jardim em frente à vidraça deixa mostrar apenas a leve luz da fonte do anjo de asas quebradas. No sonho, ela sabe que tem algo lá. A criatura com silhueta humana que é a essência de seus medos, mas ainda não pode ver o monstro. Aos poucos a névoa vai se dissipando. Então Cibeli vê a sombra da criatura monstruosa que vive naquela parte do jardim, sentada naquele banco solitário de pedra. Imóvel. Olhando para ela. Um pânico quase descontrolado toma o peito dela:

- Vai embora!

Ela tenta gritar, não consegue. O som simplesmente não consegue sair de sua garganta.

- Vai embora!

O terror toma conta de vez de Cibeli quando a criatura se levanta do banco e vem em direção a ela, pulsando como um coração podre.

“Cibeli”

- Argus!!

- Vá embora!

“Cibeli...”

- Argus!!

A criatura entra no primeiro andar de seu quarto...

- Vá embora!!

“Cibeli...”

Argus!!

- Cibeli... Acorde!

- Argus!!

- Cibeli... acorde pelo amor de Deus!

Cibeli abre os olhos. Tenta recuperar sua respiração. Aos poucos vai controlando seu pavor.

- Você teve outro de seus pesadelos, Cibeli.

Cibeli se senta em sua cama. Depois de alguns segundos em silêncio fala para o marido como se estivesse falando com ela mesma:

- Os pesadelos de sempre...

- Você está bem?

- Eu não me lembro deles quando acordo. Só sei que a criatura está lá...

O marido olha assustado para Cibeli.

- Volte a dormir, Erik. Você tem uma viagem ao Japão hoje. Eu não vou conseguir ficar mais na cama. Vou até a cozinha fazer um café.

- Quem é Argus?

Cibeli olha para o marido, surpresa e curiosa.

- Você parecia pedir a ajuda a ele em seu sonho.

Ela sorriu. Agora ela se lembra de Argus andando pelo jardim. (Depois de tantos anos...). Pensou no que dizer ao marido:

- Um personagem. O príncipe valente de minhas lembranças.

- Maldito!

Cibeli tem os punhos fechados, em uma atitude hostil contra tudo que a cerca. Isolada, é assim que Cibeli quer ficar até sua fúria descontrolada contra a criatura que a persegue em seus pesadelos passar. Ela sabe o que aquela criatura é e sabe qual é o lugar ideal para ficar longe dos olhos sempre vigilantes de Hans, seu anjo da guarda, e ficar a sós a esta hora da noite. Seus passos a levam a um lugar, que para muitos, é bisonho para ser o esconderijo preferido de alguém. Um canto do imenso jardim que rodeia a imensa casa de campo tem um mausoléu, uma pequena capela. Dois túmulos com os ossos dos pais dos antigos moradores que a construíram. Preservar o monumento para uma eventual visita de parentes foi uma exigência para a venda da casa se concretizar. (Duvido que os mortos se

incomodem com minha ira.) Ela pensa e em meio à noite gelada e vai até a pequena capela com os ossos atrás da casa dos empregados. Agora, dentro da capela ela tem uma surpresa. Uma de suas empregadas, uma recém contratada está lá, solitária. Cibeli inspira o ar gelado e procura acalmar sua ainda resistente fúria. Natascha é a mais jovem dos funcionários que trabalham na residência.

- O que faz aqui, criança?

- Eu vim fazer minhas orações, senhora.

- Claro, Natascha. Aqui não deixa de ser uma capela. Mas a esta hora da noite? São três horas da manhã.

- Eu não consegui dormir, senhora.

Cibeli sorri para a arrumadeira. Ela se lembra de Argus, o novo motorista. Ele também não consegue dormir. É sempre assim quando chegam. Com a nova arrumadeira não é diferente.

- Eu também não consigo dormir, Natascha. Natascha repara que Cibeli agora está olhando fixamente para os dois túmulos no centro da capela.

- Se vivemos, vivemos para Cristo. Se morremos, morremos para Cristo... quer orar comigo, senhora Gatti?

O local é bem menor do que qualquer um dos incontáveis cômodos da casa. Cibeli olha para a cruz de pedra fixada na parede que fica de

frente para a porta sempre aberta. Tem algo escrito lá:

“Aquele que carrega os pecados do mundo”

Ela se lembra de sua juventude mergulhada no inferno da mais profunda solidão, em uma infância isolada em uma casa de bonecas. Cibeli pensa na carta que recebeu de sua mãe ausente e fala olhando para a figura de pedra:

- Eu vou para o inferno, Natascha. Eu não tenho como perdoá-la. Nem a ela nem ao meu Senhor Jesus.

Agora Cibeli fala com o Senhor Jesus Cristo:

- Não posso perdoá-lo pelo o que sou, Senhor. Como pode o deixar acontecer aquilo comigo, senhor?

Natascha se cala. Cibeli tem em mente a única boa recordação de sua mãe. As revistas em quadrinho de “O Príncipe Valente” nos Tempos do Rei Arthur, de Harold Foster, uma das obras-primas da história dos quadrinhos. Ela continua ainda olhando para a cruz:

- Senhor Jesus, eu e minha mãe dividíamos juntas as leituras daquelas histórias e aventuras épicas inesquecíveis até meus sete anos.

Natascha se lembra do que o novo motorista falou a ela diante do quadro dos dois ladrões. (Não posso perdoá-lo). Foi exatamente como a senhora Gatti falou agora. (É tudo tão

estranho. Ele é um ex-presidiário, sem família, sem filhos, sem nada. Com mais de cinquenta anos que só consegue um final digno graças à senhora Gatti. Ela tem uma carreira vitoriosa, um patrimônio incontável, uma família linda e os dois têm a mesma mágoa diante da Cruz.). Quando Cibeli percebe, Natascha está abraçada a ela como uma criança junto a sua mãe.

- Não fale isso nunca, senhora Gatti. A senhora nunca vai para o inferno. O lugar da senhora é no paraíso.

Cibeli se lembrou daquele dia:

“Eu me apaixonei por você, Erik. Você é o homem da minha vida. Nós dois vamos juntos para o paraíso, nossa terra prometida.”

- Natascha, me chame de Cibeli.

- Chamo sim, senhora Gatti.

Cibeli sorri. A fúria desapareceu de vez com o abraço da arrumadeira. Cibeli devolve o gesto carinhoso e acaricia os cabelos da jovem.

- Natascha. Qual a sua idade?

- Vinte e Dois.

- Você tem a idade da minha filha caçula, a minha cópia colorida.

Natascha se desfaz do abraço. Olha sorridente para a senhora Gatti.

- Exatamente assim, senhora Gatti. Uma Xerox da senhora, com cabelos loiros e olhos cinzas da mãe. Linda como a senhora é.

- Vocês já se conhecem, quero dizer, já foi apresentada a Leona?

- Ainda não. Mas eu sempre a vejo ao lado da senhora.

- Você sempre foi cristã praticante, Natascha.

- E me converti no presídio, senhora. Cibeli fica apreciando o carinho da ex-presidiária. (Qual o crime que um anjo desses poderia cometer?). Agora Cibeli fica triste quando se lembra de que a filha não aprova o projeto da perfumaria para apoiar ex-detentos em sua nova vida, quando eles terminam de cumprir suas sentenças e se jogam em um mundo tão abertamente agressivo para alguém com o passado deles.

- Senhora Gatti, obrigada pela oportunidade. Espero que não fique preocupada com a minha falta de sono, mas é tudo tão novo e diferente do Brasil. Tenho certeza que serei feliz aqui. Eu já vou senhora.

- Não quero que me deixe sozinha aqui, Natascha. Este sempre foi o meu canto preferido. Agora é o seu também. Apenas guarde meu pequeno segredo. O que vão pensar de mim se descobrirem que a dama dos perfumes anda de madrugada entre túmulos?

- Nosso segredo, senhora. Natascha se ajoelha diante da cruz. Por um momento Cibeli sorri quando se lembra de Argus. (Então em meu pesadelo eu pedi a ajuda dele? Eu me esqueci dele

completamente. Em minha mente, ele estava há pouco tempo no arquivo morto de minhas distantes recordações do Brasil. Por que pedi a ajuda dele em meu sonho? Se Erik não tivesse me contado eu nem me lembraria da presença dele em meu pesadelo. Será que ele ainda vive e caminha forte pelo meu subconsciente assim como ele agora anda pelo meu jardim? Ou simplesmente foi a visão de Argus andando no cenário de meus pesadelos que me fez sonhar com ele?)
Então vem à mente de Cibeli o que ele lhe disse naquele dia terrível:

“- Eu vou enfrentá-lo, Cibeli. ”

Por um momento ela vê seu coração bater mais forte. (Argus, o único homem que conhece meu estranho fetiche, meus perfumes...), ela volta a olhar a cruz de Cristo e se lembra de quando ouviu sobre a coragem do Senhor Jesus: “Se não for possível afastar este cálice, que seja feita a vossa vontade”. Agora ele pensa no homem em seu jardim com ternura:

- Um dia eu também já tive meu príncipe valente, Senhor Jesus. Aquele homem ali nos meus Jardins não desistiu até me encontrar...

O encanto de Cibeli

RIO DE JANEIRO

Cibeli com dezenove anos.

Atarde, no apartamento de sua tia em Ipanema, Argus está animado com a presença do sol que não apareceu pela manhã:

- O dia está luminoso demais para desperdiçar em um fim de tarde como este em uma única praia. Eu posso ir de Ipanema até a Barra da Tijuca pela ciclovia, ou inverter o roteiro e ir até a praia do Leme...

- Vai chamar sua namorada para o passeio?

- Sofhia não é mais minha namorada, tia...

Ele se despede dela. Desce a Rua Nascimento e Silva. Já na Rua Vinicius de Moraes, com seus casarões antigos e prédios modernos, ele vê a praia de Ipanema ao longe. Logo ele atravessa a sofisticada Avenida Vieira Souto e está na beira da praia. Carrega sua bicicleta de corridas areia adentro até chegar à porção de areia que a turma elegeu como seu "território". O grupo de jovens está em uma animada conversa:

- Como vai, Argus?

- Tudo ótimo, Sofhia.

- Já arrumou namorada?

Acho que vou ficar sem namorada algum tempo com este meu prestígio abalado na Universidade.

Sofhia fala divertida:

- Não é bem assim, Argus...

- Por que diz isto.

- Uma moça da Universidade me procurou.

Querida saber mais sobre o meu antigo namorado.

- Eu a conheço?

- Conhece. É Sílvia. A prima da desastrada no pátio.

- Sofhia e sua língua afiada.

- Ela é bonitinha, Argus.

Argus pensa em Sílvia. A prima de Cibeli, uma morena de cabelos lisos, tem uma conversa agradável. (Então ela está interessada em mim, o grande babaca da universidade.).

- Bom, eu estou sozinho, ela também.

.

O crepúsculo vermelho anuncia o término de mais um final de semana para tristeza dos cariocas. Argus não pode ver o sol se pondo em Ipanema. Ele foi com sua bicicleta até ao Leme e ficou por lá mesmo. Curioso por natureza, ele vasculha a praia quase desconhecida, uma parte da zona sul que ele quase não frequentava. Aquele canto da areia é mais tranquilo que a praia de Copacabana. No final da tarde de Domingo a praia está vazia, entregue apenas aos poucos habitantes da orla e ao barulho das ondas do mar. Tem

uma moça lá. Ele presta a atenção no corte de cabelo perfeito que vai além do ombro, o cabelo de cor negra. Ele pensa satisfeito: (Eu te achei, Cibeli.)

Argus se lembra do bilhete dela enquanto vai em direção de Cibeli, na praia do Leme:

"Aí está seu livro. Eu nunca dei prejuízo a ninguém. Não vou começar agora. Você foi grosseiro e estúpido comigo. Se algum dia nos encontrarmos novamente, peço que não me dirija a palavra."

Ele imagina a cena. Ela indo embora sem sequer olhar para ele. Ele caminha em direção à ponta do Leme e fica atrás dela, levando sua bicicleta. Ela está sentada de frente para o mar. Ela percebe que tem alguém atrás dela, sente o cheiro dele, o perfume natural dele, (é ele!). Ela olha para trás, ele diz preocupado com a reação dele:

- Eu te achei, Cibeli.

Então Argus já sabe: ela o reconheceu. Para surpresa dele, agora Cibeli tem um sorriso no rosto quando diz:

- Eu te dei um banho de café.

Ele ficou encantado com o sorriso dela, aquilo o desarmou, (Você me cativou, Cibeli) ele continuou:

- E eu banquei “o grande babaca da universidade”. Você me deu uma lição merecida com aquele bilhete.

Cibeli repara nos olhos verde-escuros dele, nunca vi olhos assim, ele continua:

- Você me perdoa?

Ela para e agora tem um sorriso mais aberto ainda:

- Já perdoei.

Ela continua sem se importar com o que ele vai ouvir:

- Você é irresistível para mim.

Ele fica mais surpreso ainda com a declaração que ela dá:

- E jura que não vai achar que eu sou um bobão?

- Juro.

Agora ele repara que os dois se apreciam. (Valeu a pena te achar, Cibeli) ele pensou. Já se decidiu, quer dar o dinheiro do curso para ela, mas quer fazer isto com cuidado. Então ele se senta ao lado dela. Dissimulado, ele pergunta como se não soubesse a resposta:

- Por que desistiu de seu curso? Espero que eu não seja o responsável por isto...

- Não se preocupe. Aquele curso não tem nada a me ensinar sobre perfumes.

Ela não fala nada sobre o dinheiro com que comprou o livro novo para ele era o dinheiro para pagar o curso. Cibeli vê uma concha que a onda acabou de trazer até areia enquanto pensa. (Ele tem o porte de um príncipe e

cabelos castanhos rebeldes. Um homem da imensidão azul. Mas eu sinto que ele é solitário, por que será? Mas a solidão dele não é como a minha, é heroica). O coração dela dispara e ela morde os lábios quando pensa: (Se eu soubesse teria vindo com um de meus perfumes.). Cibeli se vira para Argus sentada ao lado dela:

- Um dia você me ensina?

Mais uma vez ele foi pego de surpresa. A pergunta era estranha.

- O que quer aprender, Cibeli?

Ela pensa e responde a ele:

- Aprender a viver.

Ele balançou a cabeça em um gesto de quem não acredita no que ouviu:

- Você me deixa sem fala, Cibeli. Você só me surpreende. Cada surpresa mais estonteante do que a outra.

Ela tem aquele olhar fixo para ele, o coração acelerado. Argus pergunta:

- Por onde quer começar para aprender a viver?

- Pode começar me ensinado vôlei de praia.

- Como sabe que eu jogo vôlei de praia?

- Eu te vi uma vez quando andei até o posto dez em Ipanema.

Ele suspira. Agora ele assume um tom carinhoso:

- Cibeli, eu não sou o melhor jogador no vôlei de praia. A fera do grupo é Marques. Por que você não me procura no próximo fim de

semana lá em Ipanema? Eu te apresento a ele e aos outros meus amigos. (Assim tenho você ao meu lado o fim de semana todo).

Ela sorri. Os dois se levantam. Começam uma caminhada juntos. O sol já se foi do outro lado da orla, em Ipanema. A brisa do mar está fria. A noite vem chegando...

- Eu tenho uma curiosidade, já que é o meu príncipe da imensidão azul, eu tenho uma pergunta a fazer.

Ele fica olhando para ela com um sorriso delicioso com o que ela disse. Cibeli continua:

- Por que o nome daquele outro jogo na areia e frescobol?

- Não sei.

Ela tem um olhar divertido para a resposta dele. Ele se enche de uma súbita ternura por ela:

- Você quer mesmo aprender a viver, Cibeli?

Ela olha para ele. Argus continua:

- Eu te digo como. Você já descobriu qual é o sem dom?

Agora Cibeli fala com determinação:

- Meu dom é fazer perfumes.

- Ótimo. Todo mundo tem um dom. Agora imagine se você faz um perfume maravilhoso, mas não entrega a fragrância a quem o inspirou.

Argus percebe que Cibeli está cem por cento concentrada nele.

- Para viver a vida intensamente só precisamos colocar o nosso dom em prática. Entregar o perfume a quem você ama. Cibeli morde novamente os lábios. Ele percebe, não resiste e continua:

- Quem sabe um dia você não faz um perfume para mim?

As pupilas dela se dilatam. O coração dela dispara mais ainda, mas ela sabe que ele não é para ela, um amor proibido para uma moça do outro mundo.

- Eu faço seu perfume.

Cibeli responde e fica em um silêncio concentrado, olhando para Argus quando ele diz:

- Isto é viver a vida...

Eles voltam a caminhar.

- Cibeli, é uma pena que o fim de semana esteja acabando. Justamente agora que ele realmente está me encantando.

- Eu já vou. Eu moro aqui...

Cibeli aponta para os prédios do Leme, depois vai andando pela areia agora fria em direção a eles. Argus grita para ela:

- Obrigado pelo sorriso...

Cibeli se volta para ele e grita de volta:

- Não se esqueça de me dizer seu nome se nos encontrarmos novamente.

Argus olhou para ela sumindo areia adentro. Eu não disse o meu nome a ela. Argus pensou impressionada com a jovem. Ele sabe que tem que a ver novamente. (Você me conectou com

aquele sorriso e com sua conversa encantada, Cibeli. Valeu a pena te conhecer).

Andando em direção a seu prédio, Cibeli nunca se sentiu tão próximo a alguém, mesmo com aquela conversa sendo tão curta. (Ele quer um perfume meu. E eu nem sei o nome dele.).

A primeira fúria de Cibeli

Rio De Janeiro

Cibeli com dezenove anos.

O pátio da universidade está fervilhando. Sílvia repara que o antes sempre bem acompanhado estudante de medicina está sozinho novamente. Ainda persiste a animosidade quase muda dos alunos depois daquela cena. Ela se lembra do que ouviu de duas alunas conversando sobre ele: “O vacilão.”.

Argus não se sente bem. Ele está cansado no fim deste período. Esgotado, não vê a hora das férias começarem. O curso de medicina é pesado. Ele já se decidiu. Não vai à festa para receber o novato na república de Marques no domingo à noite. A turma é legal, cada um ao seu jeito. Angélica, a prima, sempre buscando um mundo melhor. Cristian, o namorado dela, é um amigo de todas as horas, sempre pronto para ajudar. Marques, o rebelde revolucionário, sempre quebrando as regras. Maria Glória, a artista do grupo. Agora pensa em Sophia. Uma noite, quando ainda namoravam, em uma briga entre os dois, ele disse a ela que seu desejo de se tornar o centro

das atenções poderia fazer com que ela perdesse a si mesma. Tem mais dois integrantes. Chegam ao grupo Peter e Eder. Tem homem demais nesse grupo, Argus pensa divertido.

- Então? Mais conformado?

Sílvia está ao lado de Argus.

- Aliviado, Sílvia.

- Como assim?

- Eu achei Cibeli.

Sílvia tem um sorriso aberto.

- Você sabe ser persistente.

Agora Sílvia tem uma expressão maliciosa quando continua:

- Eu gosto disso em um homem.

Argus se lembra de Sofhia:

“Sílvia andou fazendo perguntas sobre você”

- Então por que não me faz companhia. Eu me sinto tão sozinho desde aquela cena ridícula.

- Claro, Argus. Não me importo em ficar junto a um vacilão tão grande como você.

Ele se levanta e fica de frente para ela com um sorriso desafiador.

- É mesmo? Não se importa? Eu fiquei sabendo que você andou perguntando por mim por aí.

- A curiosidade matou o gato.

- A gata...

Sílvia fica feliz com o óbvio elogio dela.

- Eu vou buscar um café e ficar aqui nesta mesa contigo. Você quer um?

- Claro, mas eu vou contigo.

Ela fala divertida:

- Não vai me esperar na mesa. Tem medo que eu derrube o meu café em você.

Ele fala olhando nos olhos dela.

- Tudo isto pode ser um sonho ou você pode estar planejando uma vingança maligna pelo que eu fiz a sua prima. Saiba que eu e sua prima fizemos as pazes. Não há motivos para ressentimentos entre nós.

- Não é uma vingança, Argus. É um sonho. Agora é ele quem fica feliz:

- Então eu te espero aqui mesmo. Eu quero meu café quente e forte.

- Eu já volto. Quero que você me conte tudo sobre seu encontro com Cibeli.

No final daquela tarde Sílvia e Argus se entregaram um ao outro. Feliz, Sílvia não via a hora de contar a novidade à prima, o seu novo namorado.

Primeiro foi a colônia para o príncipe da imensidão azul, o companheiro sempre tão presente em sua imaginação. Uma fragrância quase tão perfeita como ele. Agora ela termina o perfume da prima. Cibeli conseguiu. Ela fala sozinha:

- Eu consegui. Não é só um perfume quase perfeito. É o mais perto que cheguei do meu sonhado "Floresta Negra". Você vai adorar seu perfume Sílvia. Ficou bem "íntimo" como você queria. Seu namorado não vai acreditar, prima.

Ela pensa maliciosa que o perfume dela vai estar na pele de do "sem nome" quando eles se entregarem um ao outro. Ela se deita por alguns instantes e sonha. Distraída em seu quarto, Cibeli sonha acordada. Em sua imaginação ela vai até a praia do Leme no fim da tarde. Com o Perfume Floresta Negra, o perfume imbatível, ela chega ao calçadão. A praia está quase vazia, então ela o vê! Na imaginação o príncipe da imensidão azul a está procurando-a...

- Cibeli!

Cibeli fica alerta, o pai parece irritado.

- Saia desse canto e venha até a sala. Tua prima veio te visitar.

Sílvia está constrangida. Foi visível a indisposição e irritação de Sebastian com a visita dela. Tem algo de sombrio naquele ambiente. Sílvia não sabe o que é. Mas tem algo que a deixa perturbada. Como uma maldição. Assim que Cibeli entra na sala ela aproveita a ausência do pai de Cibeli pega a prima pela mão e diz:

- Venha conhecer meu novo namorado. Ele está lá embaixo. Em seu carro. (Você vai ter uma surpresa e tanto, Cibeli.).

Novo namorado? Cibeli sorri. Olha pelo canto dos olhos a procura do pai, ele deve estar em seu quarto, ou melhor, ele saiu pela porta dos fundos.

- Só um minuto, Sílvia. O seu perfume está pronto. Eu vou pegá-lo.

Sílvia se alegra. (O perfume íntimo).

Espero o tempo que você quiser, prima.

Animada, Cibeli vai até seu laboratório nos fundos da cobertura, pega o frasco e volta apressada para a prima, quando chega Sílvia pega ela pela mão.

- Vamos. Eu estou louca para que você o conheça.

No elevador, Cibeli se prepara para entregar o perfume quando Sílvia diz:

- Espere Cibeli. Me entregue o perfume na frente dele. Quero que o encontro de nós três juntos, pela primeira vez seja inesquecível. Minha melhor amiga e meu namorado, perfeito.

Quando chegam ao térreo, as duas tem uma surpresa. Argus não está mais esperando no carro. Está lá, na recepção do prédio esperando por elas. Quando Cibeli o vê sente um aperto no peito e uma alegria eufórica:

- Ulalá! (Ele veio me procurar!).

Sílvia se aproxima de Argus. Da um selinho na boca de Argus e se volta divertida para a prima:

- Meu novo namorado!

Agora Cibeli sabe. O par perfeito de sua imaginação é o namorado real de sua prima.

Argus diz a ela:

- Aposto que se lembra de mim, Cibeli.

Cibeli sabe que tem que se controlar seu ciúme idiota. (Não é culpa dele, muito menos dela. Por que então me sinto traída?) Sílvia e Argus riem. Cibeli trava e pergunta:

- O que foi?

- Você disse Ulalá quando me viu, Cibeli.

Ela respondeu com os olhos cravados nele:

- Acho que foi o meu sangue francês, foi uma surpresa e tanto este namoro...

Ela força um sorriso para o casal. Cibeli consegue manter uma voz natural quando diz:

- Se Sílvia me tivesse falado antes. Vocês me aguardam um pouquinho? Agora eu tenho uma surpresa para vocês.

- Claro, Cibeli. Vamos ficar bem quietinhos aqui.

- Obrigado, eu já volto prima.

No elevador Cibeli se sente mais perdida do que nunca em seu mundo solitário. (É ele... O príncipe de meus sonhos é o príncipe de verdade para minha prima.) Com um ciúme terrível e mergulhada em um poço de mágoas, Cibeli tem um sorriso triste e sem

graça no rosto quando chega à cobertura. (Se quer ficar com ela. Que fique. Acabou, não sinto mais nada por você!) Ela vai até o laboratório. Pega a colônia que fez com tanto carinho para o seu “sem nome” de sua imaginação (Esta foi a melhor colônia que já fiz e fiz pensando nele). Ela volta para o térreo. Assim que chega ao hall de entrada tem um sorriso para os dois:

- Eu fiz dois perfumes, prima. O seu e uma colônia para seu namorado.

Sílvia fica encantada, abraça a prima e diz a apaixonada para Argus:

- Melhor se preparar para esta noite.

Cibeli se lembra de seu pai:

“É o mais perto que você vai chegar de uma universidade”

Ela pensa olhando para ele e sua colônia. (É o mais perto que eu vou chegar de você, “sem nome”).

Argus tem um olhar concentrado para a moça espartana de cabelos negros e olhos cinzas.

- Uma colônia? Você me surpreendeu de novo Cibeli. Como aquele sorriso...

Ele pergunta a Sílvia enquanto olha para Cibeli:

- É tão bom assim o perfume dela?

- Pode acreditar. Vai pegar fogo!

Ele continua olhando para Cibeli:

- Vamos ver então, agora estou louco de curiosidade para conhecer seu perfume. Obrigado pelo presente. Por um momento Cibeli arrepia, depois se entristece novamente com seu sorriso “natural” em seu rosto. Agora Cibeli experimenta o gosto amargo de seu ciúme na boca quando diz a ele:

- Não me agradeça. A colônia não é sua. É de Sílvia. É bom ser um namorado legal ou ela toma a fragrância de você.

Argus continua encarando firmemente Cibeli:

- Eu vou cuidar dela direitinho.

Eles se despedem. Cibeli assiste os dois partindo para sua noite mágica. (Mais uma vez ele não me disse seu nome...).

- Eu saio para comprar cigarros e você some. Depois do que disse, Sebastian repara em Cibeli. Tem algo diferente nela. Ela também sabe disto. Cibeli nunca sentiu aquilo. Uma fúria terrível, quase incontrolável quando vê o pai. Uma revolta profunda. Ela diz entre os dentes quando passa direto por ele e vai para o seu quarto:

- Eu estava no hall de entrada do prédio com minha prima e seu namorado. Não podia me perder por lá.

A venda em nossa loja deste site. A venda também na Amazon.com.br, inclusive plataforma Kindle e a venda na Play Books